

O País que Cruzou os Braços à Espera do Euromilhões e da raspadinha

Publicado em 2025-05-22 13:37:34

Acredito no destino,
mas acredito ainda mais
nas escolhas que fazemos.

E esse é o retrato de um país
que, por muito que reze,
abdicou de agir.

Deixou de criar as suas chances
para ficar de braços cruzados
à espera do Euromilhões.

Mas os que ainda tentam mudar,
sabem que a sorte mais verdadeira...
é a que eles constroem.

Portugal, esse velho palco de tragédias e comédias, tornou-se uma terra onde a **fé** e a **esperança** são os motores que empurram o povo para o dia seguinte. Não a fé como impulso interior para agir, mas como muleta para a inércia. E não a esperança como plano de superação, mas como lotaria emocional: a ideia absurda de que um dia, sem fazer nada, tudo pode mudar.

Há quem diga: “*Acredito no destino.*” E tudo bem. Mas por cá, acredita-se tanto no destino que já não se acredita em mais nada — nem em esforço, nem em estratégia, nem em coragem. O destino virou desculpa. Um alibi para o conformismo.

E depois há o Euromilhões. Essa missa semanal laica, com boletim no lugar do terço. A economia vai mal? Talvez a sorte me salve. A política está podre? Talvez ganhe e vá embora. O salário é miserável? Pode ser que esta semana...

Vivemos num país onde os braços estão cruzados não por cansaço, mas por hábito. Onde o verbo “fazer” foi substituído por “esperar”. Esperar

que um líder surja, que o sistema mude, que a Europa resolva, que Deus ajude, que o número saia.

Mas o que muda um país **não é o número que sai da máquina de sorteios** — é o número de cidadãos que se recusam a viver como figurantes. Que percebem que a sorte é um bônus, não uma estratégia de vida. Que compreendem que a fé, sem ação, é só superstição com retórica.

E é por isso que esta frase ecoa com tanta verdade:

“Acredito no destino, mas acredito ainda mais nas escolhas que fazemos.”

Porque o futuro não se conquista de joelhos. Conquista-se de pé. Com olhos abertos. Com as mãos sujas de trabalho e a consciência limpa de ilusões. Enquanto Portugal continuar a cruzar os braços à espera do prémio... o verdadeiro jackpot continuará a ser distribuído entre os mesmos de sempre.

E nós, com sorte, continuaremos aplaudindo — até nos caírem os braços?

Francisco Gonçalves

Escrever no Vazio

Um desabafo sobre o silêncio que sufoca quem ousa pensar.
Uma reflexão sobre o ato de escrever num país que prefere calar.

[Ler o artigo completo](#)

[Visita a Biblioteca de Fragmentos](#)